

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA
NACIONAL

THAISA DE PAULO MACHADO

**O DESCOBRIMENTO DO BRASIL: ficção e história em *Terra
Papagalli e Naufragos, Traficantes e Degredados***

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2012

THAISA DE PAULO MACHADO

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL: ficção e história em *Terra Papagalli* e *Náufragos, Traficantes e Degredados*

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista do programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Orientadora: Profa. Dra. Naira de Almeida Nascimento

CURITIBA
2012

A Wanderley Machado, meu pai e orientador da minha vida, que sempre me incentivou, colaborou e esteve ao meu lado durante mais essa caminhada.

Ao meu colega, Wellington Bueno Gonçalves, responsável indireto pela realização desta monografia.

“As mentiras dos romances, então, nunca são gratuitas: preenchem as insuficiências da vida.” (LLOSA, Mário Vargas. 1996).

RESUMO

O uso da História em um discurso ficcional pode levantar questões sobre a veracidade dos fatos, a manipulação dos mesmos, e o questionamento de “verdades” absolutas. Por tanto, este trabalho pretende reconhecer e discutir acerca das confluências e divergências entre o romance *Terra Papagalli*, publicado em 2000, dos autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta e a obra historiográfica *Náufragos, Traficantes e Degredados* de Eduardo Bueno, publicado em 2006. Ambas discorrem sobre os trinta primeiros anos da história do Brasil, período obscuro na História Oficial.

Palavras-chave: Literatura; História; Novo romance histórico; Descobrimento do Brasil.

RESUMEN

El uso de la Historia en un discurso ficcional puede levantar cuestiones sobre la veracidad de los hechos, la manipulación de los mismos, y el cuestionamiento de “verdades” absolutas. Por lo tanto, este trabajo pretende reconocer y discutir acerca de las confluencias y divergencias entre la novela *Terra Papagalli*, publicado en 2000, de los autores José Roberto Torero y Marcus Aurelius Pimenta y la obra historiográfica *Náufragos, Traficantes e Degredados* de Eduardo Bueno, publicado en 2006. Ambas tratan sobre los treinta primeros años de la historia de Brasil, período oscuro en la Historia Oficial.

Palabras llave: Literatura; Historia; Nueva novela histórica; Descubrimiento de Brasil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O NOVO ROMANCE HISTÓRICO.....	11
3	LITERATURA E HISTÓRIA.....	16
	3.1. Terra Papagalli.....	16
	3.2. Náufragos, Traficantes e Degredados.....	22
4	APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE TERRA PAPAGALLI E NÁUFRAGOS, TRAFICANTES E DEGREDADOS.....	24
	REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

Normalmente quando nos aventuramos pelo campo da literatura comparada é inevitável fazermos algum tipo de classificação hierárquica, um julgamento de valores. No entanto, não é esse nosso objetivo neste trabalho, ao contrário, faremos um estudo comparativo entre uma obra histórica e um romance com a intenção de comprovar (ressaltar) que não há uma verdade absoluta.

Nosso objeto de estudo é uma obra do novo romance histórico e suas aproximações e distanciamentos com a história oficial, mais precisamente, com uma obra historiográfica em particular. Trata-se de *Terra Papagalli* (2000), de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta e, *Náufragos, Traficantes e Degredados*, de Eduardo Bueno. Pretendemos aclarar que não há uma única visão dos fatos, mas sim, olhares diferentes sobre os mesmos fatos históricos.

Conhecemos nossa História através de documentos redigidos por pessoas da elite de sua época, e nem poderia ser diferente, uma vez que a educação estava destinada apenas àqueles. Mas, se acaso os mesmos documentos houvessem sido escritos por gente comum, ou simplesmente, com interesses diferentes? Não podemos desprezar a intencionalidade e subjetividade inserida na História Oficial. Por isso acreditamos que esse seja o tipo de reflexão que romances classificados como pertencentes do novo romance histórico queiram propor.

Abordaremos o tema do descobrimento do Brasil a partir de olhares diferentes. No romance, um degredado ganha voz, na obra historiográfica são os documentos oficiais, escritos por navegantes, que constroem o que consideramos de modo geral como verdadeiro. Eduardo Bueno não deixa de ressaltar que muitos deles podem ser exagerados ou escritos de maneira a agradar aos que pagavam pelas expedições, ou ainda, enaltecer aos que escreviam tais relatos.

Para que possamos compreender melhor a análise das obras faremos um apanhado geral do romance histórico e do novo romance histórico. Em seguida, contaremos o enredo de *Terra Papagalli* e discutiremos os elementos que o caracterizam como novo romance histórico. A seguir, faremos um breve relato sobre o enredo de *Náufragos, Traficantes e Degredados* para que o leitor

possa entender o estudo que realizaremos no último capítulo desta monografia. Neste, compararemos as *verdades* presentes nas obras e como os mesmos fatos são contados e abordados de maneiras diferentes.

2. O NOVO ROMANCE HISTÓRICO

Para que possamos entender melhor o novo romance histórico, nomeado antes por Seymour Menton de *nueva novela histórica* (NNH) não podemos desprezar seu antecessor, o romance histórico. Afinal a NNH nasce e se transforma a partir do romance histórico.

Considerado um gênero híbrido, o romance histórico relaciona história e literatura, sendo assim “a matéria narrada no romance histórico deve ser, obviamente, de extração histórica”. (BASTOS, P.84). Este subgênero surgiu a partir da produção de Walter Scott no início do século XIX e através do tempo foi sofrendo transformações. *Ivanhoé* pode ser considerada a obra inaugural deste gênero. Segundo Lukács, grande estudioso do romance histórico, *Guerra e Paz*, de Tolstói, publicado entre 1864 e 1869, pode ser considerado um divisor de águas. Em *O romance histórico brasileiro contemporâneo*, Esteves diz que “as transformações do discurso histórico e das concepções envolvendo o próprio saber histórico, ocorridas na primeira metade do século passado, acabaram por dar uma feição diferente à narrativa ficcional”. (2010, p.35). Com as transformações sofridas, o romance histórico vai perdendo seu vigor durante o século XX. Sua característica principal “advinha da crença na possibilidade de figuração realista do passado, como passo devido para a compreensão e resolução dos conflitos do presente”. (FIGUEIREDO, p. 129).

Os princípios básicos do romance histórico dizem que a ação deve pertencer a um passado anterior ao do escritor, “tendo como pano de fundo um ambiente rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas ajudam a fixar a época. Sobre esse pano de fundo situa-se uma trama fictícia, com personagens e fatos inventados pelo autor.” (ESTEVES, p. 32). Outro princípio é a presença de uma trama amorosa, normalmente problemática, cujo enlace na maioria das vezes termine de forma trágica. No romance histórico tipicamente scottiano uma das preocupações é:

“manter equilíbrio entre a fantasia e a realidade, configurando-se como espaço discursivo em que os jogos inventivos do escritor, aplicados a dados históricos, produzissem composições que oferecessem aos leitores, simultaneamente, ilusão de realismo e oportunidade de escapar de uma realidade insatisfatória.” (ESTEVES, p.32)

A principal mudança sofrida pelo romance histórico acontece em 1826, com a publicação de *Cinq-Mars*, de Alfred de Vigny, em que o conceito de história está mais presente na ação individual do que no coletivo. Nas obras de Victor Hugo, há a exaltação de heróis reais e a pretensão de tirar lições morais do passado para aplicá-las ao presente, que é considerado caótico. Nessa mesma época, a massa começa a ganhar papel nos romances. Em 1862, Gustave Flaubert lança *Salambó*, cuja narrativa está situada na Cartago antiga, mas a ideologia é típica do século XIX, o que vai contra aos princípios definidos por Lukács. Este tipo de produção “contempla lugares e tempos distantes e exóticos, sem nenhuma relação direta com a experiência do escritor.” (ESTEVEES, 33). Como já citamos anteriormente, *Guerra e Paz*, de Tolstói, pode ser considerada a obra inovadora do romance histórico porque ele:

“escolhe de modo brilhante o momento histórico representativo: a crise causada pela invasão napoleônica na Rússia. Esse momento de crise histórica aparece bem situado em situações domésticas, familiares e amorosas. As personagens fictícias são ressaltadas em seu perfil comum, sem grandes gestos heroicos ao mesmo tempo em que o núcleo de personagens históricos aparece em posição secundária, embora seja significativo, procedimento que compõe um realismo eminentemente visceral.” (ESTEVEES, p.33)

Segundo Esteves, o autor contemporâneo cria seu próprio universo sem se preocupar com a veracidade, elemento essencial do discurso histórico, nem tampouco com a verossimilhança, presente no discurso ficcional mais tradicional.

Seymour Menton em *La nueva novela histórica de la América Latina* define e discute as características e a origem do novo romance histórico. Obviamente, a produção literária analisada pelo autor é a da América Latina, e é partindo deste estudo que entenderemos o fenômeno do novo romance histórico no Brasil. Menton apresenta um grupo de seis características destacando que não necessariamente deverão estar todas presentes na mesma obra. A primeira característica está relacionada a uma concepção filosófica, “segundo a qual seria praticamente impossível captar a verdade histórica ou a realidade. Da mesma maneira, muda-se a concepção tradicional de tempo, passando a história a ser vista como formação cíclica”. (ESTEVEES,

p.38). As outras cinco características são: a distorção consciente da história mediante omissões, exageros e anacronismos; ficcionalização de personagens históricos; metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação; intertextualidade e o uso de elementos estudados por Mikhail Bakhtin como o carnavalesco, dialogia, heteroglossia e a paródia. Exageros humorísticos e destaque nas funções do corpo como o sexo, por exemplo, fazem parte do carnavalesco e estão presentes em vários romances desse subgênero, entre eles, *Cien años de soledad* do colombiano Gabriel García Márquez.

Em *O romance histórico brasileiro contemporâneo*, Antônio R. Esteves transcreve dez características elencadas por Aínsa em *La nueva novela latinoamericana*. Estas características foram sintetizadas por Menton.

- “1. O novo romance histórico caracteriza-se por fazer uma releitura crítica da história.
2. A releitura proposta por esse romance impugna a legitimação instaurada pelas versões oficiais da História. Nesse sentido, a literatura visa suprir as deficiências da historiografia tradicional, conservadora e preconceituosa, dando voz a todos os que foram negados, silenciados ou perseguidos.
3. A multiplicidade de perspectivas possíveis faz com que se dilua a concepção de verdade única com relação ao fato histórico. A ficção confronta diferentes versões, que podem ser até mesmo contraditórias.
4. O novo romance histórico aboliu o que Bakhtin (1990, p.409) chama de “distância épica” do romance histórico tradicional, pelo uso de recursos literários como o emprego do relato histórico em primeira pessoa; monólogos interiores; descrição da subjetividade e intimidade das personagens. Deste modo, o romance, por sua própria natureza aberta, permite uma aproximação ao passado numa atitude dialogante e niveladora.
5. Ao mesmo tempo em que se aproxima do acontecimento real, esse romance se afasta deliberadamente da historiografia oficial, cujos mitos fundacionais estão degradados.
6. Há, nesse tipo de romance, uma superposição de tempos históricos diferentes. Sobre o tempo romanesco, presente histórico da narração, incidem os demais.
7. A historicidade do discurso ficcional pode ser textual, e seus referentes documentar-se minuciosamente, ou, pelo contrário, tal textualidade pode revestir-se de modalidades expressivas do historicismo a partir da invenção mimética de textos historiográficos apócrifos, como crônicas e relações.
8. As modalidades expressivas dessas obras são muito diversas. Em algumas, as falsas crônicas disfarçam de historicismo suas textualidades. Em outras, se valem da glosa de textos autênticos inseridos em textos onde predominam a hipérbole ou o grotesco.

9. A releitura distanciada, carnavalizada ou anacrônica da história, que caracteriza esta narrativa, reflete-se numa escritura paródica. No interstício deliberado da escritura paródica surge um sentido novo, um comentário crítico de uma textualidade assumida, no qual a história reaparece sob uma visão burlesca ou sarcástica. Dessa forma, o discurso histórico é desojado do absolutismo de suas verdades a fim de construir alegorias e fábulas morais;

10. A utilização deliberada de arcaísmos, *pastiches* ou paródias, associada a um agudo sentido de humor pressupõe uma maior preocupação com a linguagem que se transforma na ferramenta fundamental desse novo tipo de romance, levando à dessacralizadora releitura do passado a que se propõem.” (AINSA, p.83-5)

O novo romance histórico rompe com um modelo estético único, afinal, pode ser “forjador da nacionalidade”, “crônica fiel da história” ou “de elaborado esteticismo”. A desconstrução dos valores nacionais tem a intenção de oferecer uma visão crítica do que foi contado através da História Oficial, mas também pode ser entendido como “forma de preencher o vazio deixado pela ausência de projeto e, por isso, sua ação corrosiva não tem um alvo determinado, absolutiza-se” (FIGUEIREDO, p.132). Vera Lúcia F. Figueiredo define essa produção como:

“obras que olham o passado com a descrença dos tempos atuais. Em algumas, a história pode ser vista como farsa burlesca, divertindo o público e reforçando a ideia de que, ontem como hoje, tudo se resumiria numa comédia, encenada por arrivistas, a se repetir eternamente.” (2003, p.132)

O surgimento e consolidação deste tipo de romance contribuem para a consolidação de uma consciência latino-americana, assim como, possibilitam novos olhares dos fatos registrados pela História Oficial. Segundo Menton, o auge do novo romance histórico foi em meados dos anos 70, ainda que tenha sido em 1949 a publicação de *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier, obra que foi considerada a primeira deste subgênero. Mais precisamente em 1979 houve um predomínio da NNH. Essa produção contou com escritores renomados de quase toda latinoamérica, como o já mencionado cubano Alejo Carpentier, o mexicano Carlos Fuentes, o peruano Mario Vargas Llosa, o brasileiro Silviano Santiago, o nicaraguense Sergio Ramírez, entre outros. A exceção mais notável é o Chile, que conta somente com um exemplo de novo

romance histórico: *Martes tristes*, de Francisco Simón, publicado em 1985. Uma possível explicação apresentada por Menton é de que os romancistas estavam mais preocupados com seu passado recente, como o golpe militar contra Salvador Allende, a ditadura de Augusto Pinochet e as experiências de exílio que estavam sofrendo.

Uma das principais causas possíveis para a proliferação destas obras foi a aproximação do quinto centenário do descobrimento da América, pode-se observar que Colombo e a descoberta foram temas recorrentes nos romances. No entanto não podemos limitar estes romances a estes dois temas, houve também uma proposta de reflexão sobre os laços históricos compartilhados entre os países da América Latina e um questionamento acerca da História Oficial, ou seja, de verdades até então incontestáveis.

Este tipo de romance permite a adulteração dos fatos, normalmente através da paródia. Os recursos parodísticos contribuem para a criação de novas versões da História e incita o leitor a criar olhares diferentes para fatos cristalizados.

3. LITERATURA E HISTÓRIA

Como vimos no capítulo anterior, muitas vezes a história é tema de romances ficcionais. Neste capítulo apresentaremos um romance e uma obra de cunho historiográfico, ainda que ambos tenham sido escritos por jornalistas. As obras discorrem acerca do descobrimento do Brasil e do que se deu nas três primeiras décadas do país, período obscuro para História, uma vez que há poucos documentos desta época. Vale ressaltar que não há intenção de classificá-las hierarquicamente, como comumente se espera da literatura comparada.

3.1. TERRA PAPAGALLI

O romance, *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, conta a estória de Cosme Fernandes, um degredado que viveu no Brasil nas primeiras décadas do descobrimento. Cosme ficou conhecido como Bacharel de Cananéia e famoso pelo tráfico de escravos. Este degredado existiu realmente, segundo documentos datados de 1540 e 1542 e descobertos em 1954 por Ernest Young que permitem supor que o nome verdadeiro do Bacharel encontrado por muitos viajantes em Cananéia e São Vicente, era Cosme Fernandes Pessoa, o “mestre Cosme”. Porém, durante a narrativa os autores tanto narram episódios da História Oficial como criam outros, sempre com muito humor, construindo uma narrativa divertida e irônica. Os autores parodizam inclusive a escrita do tempo das descobertas: “Desta vila de Nossa Senhora de Buenos Aires, hoje, nove de outubro da era de 1535.” (TORERO, 2000, p.189)

A narrativa se dá de forma epistolar a qual são acrescentados um diário de viagem, uma espécie de dicionário da língua tupiniquim, um bestiário descrevendo a fauna e índios, que não eram considerados humanos, reflexões filosóficas baseadas em Santo Ernulfo, santo fictício, além de dez mandamentos para bem viver na Terra dos Papagaios. Através destas estruturas o Bacharel informa ao conde do Ourique, este residente em Portugal, sobre como decorreu sua vida por mais de três décadas naquele

lugar. Juntamente com Lopo de Pina e mais vinte condenados, partiram de Portugal sob o comando Pedro Álvares Cabral, “fidalgo que jamais capitaneou um barco mas que está a comandar a maior esquadra já reunida em todos os tempos, com treze naves muitíssimo bem armadas” (TORERO, 2000, p. 27).

Cosme Fernandes esteve em um seminário por sete anos. Não lhe apeteciam muito os estudos, porém, chegou a conclusão que o melhor de uma religião eram suas fábulas. Sofreu a condenação do degredo porque manteve relações sexuais com a filha de casal durante uma visita em que ele fora convidado para acompanhar um dos religiosos do seminário. Esta mulher se transformou na grande paixão de sua vida. Assim que os religiosos descobriram seu pecado, foi preso, no entanto, permaneceu pouco tempo em Portugal.

A viagem teve início dia nove de março de 1500 e chegou ao fim dia vinte e dois de abril do mesmo ano. Foi uma viagem difícil principalmente para os degredados, já que sofriam mal tratos e dormiam ao ar livre, além dos marinheiros não perderem a ocasião de “nos falar de grandes monstros e tempestades. Outros contam de calmarias em que não sopra o vento, sendo tão grande a fome que os homens reviram os olhos e têm alucinações. Se queriam meter-nos medo, conseguiram” (TORERO, 2000, p. 28).

Ao chegarem em terra firme, Pedro Álvares Cabral ordenou que Cosme, Nicolau Coelho, que era também um degredado, e o escrivão Caminha fossem até à praia manter os primeiros contatos com os gentios. Porém o maior grupo de degredados, sete deles, inclusive Cosme Fernandes, foi deixado um pouco mais a frente, num lugar que batizaram por Terra dos Papagaios pela grande quantidade que havia destas aves. Antes do desembarque o diário de viagem de Cosme foi descoberto por Pedro Álvares e destruído, por isso, ele alerta o conde Ourique que deverá confiar em sua memória.

Depois da primeira noite encontraram pela primeira vez aos gentios daquele lugar, Cosme já havia sido nomeado o rei daquela terra por haver derrotado Lopo de Pina. Prontamente o grupo português se inteirou sobre alguns costumes tupiniquins. Entre eles, o gosto pelas guerras; a prática da poligamia e da antropofagia. Adaptando-se aos costumes na nova terra, a confiança dos gentios em relação aos portugueses só se concretizou quando o

chefe da tribo tupiniquim caiu doente e foi curado mediante uma sangria e um ritual inventado, às pressas, e executados pelos portugueses.

Não demorou muito e Cosme começou a participar das guerras contra as tribos adversárias e pode perceber que os índios não tinham tática para suas batalhas, e pensando nisso, conseguiu convencer os tupiniquins a adotar as táticas estudadas por ele no "*Alphabetum bellicum*" (TORERO, 2000, p.80). Obtiveram muito sucesso e conquistaram inúmeras vitórias, o que lhes resultava sempre em prisioneiros para comerem. O problema foi que o número de prisioneiros aumentava cada vez mais e eles não tinham espaço suficiente para todos eles. Foi quando uma grande nau comandada por castelhanos apareceu na Terra dos Papagaios e daí deu início o tráfico de índios. Cosme Fernandes soube convencer a Piquerobi, chefe da tribo, que fizessem com os espanhóis a seguinte troca: quarenta dos cativos por "mais panos, espelhos, machadinhas, espadas, facas e arcabuzes" (TORERO, 2000, p. 100) com a desculpa de preparem-se melhor para as futuras batalhas. Não era costume dos tupiniquins trocar ou entregar a outros seus prisioneiros, mas muito astutamente Cosme intercedeu junto a Piquerobi. O resultado foi a troca de quarenta cativos como moeda de troca, os primeiros de muitos. Esta troca se intensificou com navegantes espanhóis, que durante anos aportaram na Terra dos Papagaios. Porto idealizado e construído sob o mando do Bacharel de Cananéia, e assim foi enriquecendo, até porque as trocas já não eram feitas somente com machadinhas e afins, mas com ouro e prata, depositados em um baú chamado Divina Providência.

Após quinze anos da chegada dos sete degredados ao Brasil, El-Rei enviou ao país Cristóvão Jacques, este deixou em terra Pero Capico com a missão de dividir as terras daquele lugar. Lopo de Pina, que era o mais ambicioso, rapidamente se transformou em amigo de Capico e estava com ele o tempo todo, em conversas sempre regadas com muito cauim, que era a bebida que haviam conhecido nas festas na tribo. Com promessas de enriquecer com a venda de escravos Capico, em sua divisão, deixou sob o comando de Lopo o Paraíso, região em que estava o porto até então comandado por Cosme. O Bacharel foi mandado para uma região desconhecida e repleta de índios inimigos, era como se fosse sua pena de morte. "Senhor, penso que há certos dias em que Deus, aborrecido por ver as

coisas sempre semelhantes e sem atribuições, escolhe um dos pecadores e embaraça-lhe os fios do destino (...). Naquele mês de fevereiro, creio que fui eu o escolhido para esse seu recreio, pois trocou-se por completo o enredo de minha vida.” (TORERO, 2000, p.127) Pouquíssimos homens quiseram seguir com ele, entre os degredados somente Jácome Ruiz o acompanhou. Porém, logo o que parecia azar se transformou em sorte, voltou a escravizar índios e retomou suas atividades na terra em que batizou de Cananéia. Para ele sua peregrinação e a de seu povo se assemelhava a de Moisés, e aquele povoado era sua Canaã. Sua fama e a de seu porto se alastraram.

Em contrapartida ao sucesso do Bacharel, Lopo de Pina não prosperou no comando do Paraíso. Resolveu então aplicar mais um golpe em Cosme Fernandes, aproximando-se com a desculpa de fazerem as pazes roubou-lhe a Divina Providência e fugiu para Portugal. Não encontrou grandes dificuldades em tornar-se membro da corte, isto é, amigo do Rei. Amizade que lhe rendeu a volta ao Brasil como administrador, numa expedição comandada por Martim Afonso de Souza. Ao chegar, convidou o Bacharel para um jantar, e foi durante esse evento que Cosme Fernandes descobriu que Lopo havia se casado com Lianor, a grande paixão de sua vida e o motivo de seu degredo. Tomado pela fúria, ele e seu povo, destruíram a vila onde Lopo havia se instalado e o levaram prisioneiro. Durante dias ficou imaginando qual seria a melhor morte para seu inimigo. “Todas essas penas me apeteciam e eu lamentava ter de escolher apenas uma. Se pudesse, faria Lopo de Pina morrer várias vezes e de várias formas. Decidi então levá-lo comigo na viagem para escolher o melhor modo de dar-lhe fim.” (TORERO, 2000, p.181). Cosme Fernandes havia roubado um barco de uns corsários franceses e decidiu partir com sua família e amigos, inclusive Lianor, que passou a ser uma de suas esposas. No dia da partida Jácome decidiu ficar, o que lhe causou grande tristeza. Durante a viagem em uma conversa com Lianor, o Bacharel descobriu que tinha um filho, que passou a ser a grande razão desta carta, ou seja, a narrativa do livro. A viagem seguia tranquila quando foram acometidos por uma grande tempestade. Perderam todos os mantimentos que estavam a bordo. Este problema foi resolvido com um ensopado que fizeram de Lopo de Pina. Cosme Fernandes termina sua carta com os seguintes dizeres: “E o resumo de meu

entendimento é que naquela terra de fomes tantas e, lei tão pouca, quem não come é comido.” (TORERO, 2000, p.189)

Analisaremos a seguir o romance, com base na produção pós-moderna contemporânea e o novo romance histórico, apresenta alguns elementos característicos deste subgênero do romance. A obra é construída através da paródia que:

“como forma de apropriação do discurso alheio, encontra-se presente com grande frequência nos romances latino-americanos. Nesse sentido, a paródia, retomando textos anteriores, em uma relação transtextual, diferencia-se na medida em que essa retomada objetiva não apenas estabelece as relações com textos precedentes, mas a reinterpreta pela sua reescritura. Essa reelaboração paródica pode inverter padrões, desestabilizar, desconstruir, distorcer, ridicularizar ou simplesmente dar aos textos primeiros uma nova e surpreendente versão, efeito alcançado pela cuidadosa seleção dos signos linguísticos e pela dimensão simbólica das palavras.” (ESTEVES, p.39)

Um exemplo de retomada, ou subordinação da reprodução mimética de determinado período histórico, se encontra na estrutura textual de *Terra Papagalli* que é dividido em três partes: Diário de viagem de Cosme Fernandes, Breve e sumaríssimo dicionário da língua que falam os tupiniquins, e um bestiário. Paradiando, dessa forma, tipos comuns nas produções dos séculos XVI e XVII: “os diários de navegação, dicionário ou vocabulários de línguas exóticas, e os *bestiários*, textos que descreviam de maneira fantástica os animais exóticos que povoavam o imaginário europeu naquela época.” (ESTEVES, p.209). Sendo assim, a narrativa é construída de forma epistolar, recurso comum dos novos romances históricos.

Diferentemente do romance histórico da época de Walter Scott, em que as personagens históricas ficcionalizadas eram as protagonistas, no novo romance histórico “a literatura visa suprir as deficiências da historiografia tradicional, conservadora e preconceituosa, dando voz a todos os que foram negados, silenciados ou perseguidos.” (ESTEVES, p.36). Como já foi citado anteriormente, *Terra Papagalli* versa sobre o descobrimento do Brasil através da voz de um degredado que contará como se deu a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Novo Mundo. Cosme Fernandes, narrador e protagonista da

trama, foi condenado ao degredo por ter cometido uma falta grave contra os princípios religiosos da ordem em que estudava para clérigo. Chega ao Brasil em uma das caravelas da esquadra de Cabral e é justamente ele quem gritará: “terra à vista”. Além disso, narra as aventuras e desventuras que ele e outros seis degredados viveram no Brasil, ou na Terra dos Papagaios, como eles batizaram o país. Cosme Fernandes, que aqui viveu por 30 anos, ficou conhecido como Bacharel de Cananéia por ter prosperado na venda de gentios escravos para navios estrangeiros. Diferente do que se poderia esperar de um romance publicado às vésperas dos 500 anos do Brasil (2000) *Terra Papagalli* não apresenta histórias honrosas de monarcas portugueses. Ao contrário, a narrativa através da voz de um degredado, provoca reflexões e críticas desde o nosso descobimento até a maneira de se viver dos dias atuais. Estas são claramente construídas nos *10 mandamentos para bem viver na Terra dos Papagaios*. Alguns exemplos, “por serem tão crédulos aqueles gentios, pode-se lhes mentir sem parcimônia nem medo de castigo” (2000, p.94); “aquela terra é um lugar onde tudo está à venda e não há nada que não se possa comprar [...], mas o que mais lá se vende são homens” (2000, p.111); “lá as portas não são abertas com chaves de ferro, mas com moedas de prata” (2000, p.139); “naquela terra não se escolhe o mais honesto, mas o que oferece mais mimos” (2000, p.148); “não se deve confiar em ninguém” (2000, p.159); “cada um cuida de si e Deus que cuide de todos, pois pouco se faz por um irmão, nada por um primo e menos que coisa nenhuma por um amigo” (2000, p.172); “naquelas paragens, quando se alentavam alguns, o melhor modo de quietá-los é dar-lhes emprego ou título, porque os daquela terra muito prezam serem chamados de senhores e não há um que não troque honradez por honraria” (2000, p.173).

Ao chegarem ao Brasil, “Pedro Alvarez ordenou que se baixassem um batel e nele fossem colocados Nicolau Coelho, o escrivão Caminha a alguns soldados para entender-se com aquela gente. Depois, (...) disse a Nicolau que escolhesse uns degredados” (2000, p.38). A impressão que Cosme teve daquele lugar foi o pior possível, diferente do que conhecemos através da carta de Caminha, que descreve o Brasil de forma maravilhosa. É a criação de uma nova versão da História Oficial.

Segundo o conceito de carnavalesco desenvolvido por Bakhtin, o texto apresenta exageros humorísticos e dá ênfase às funções do corpo, como o sexo e as necessidades fisiológicas. Ambos elementos estão presentes em *Terra Papagalli*, tendo em vista, como já foi citado anteriormente, que Cosme Fernandes sofreu o degredo por ter feito sexo com uma jovem de família abastada, porém esta é somente a primeira vez que o sexo aparece, pois será uma constante na obra. As necessidades fisiológicas também aparecerão durante a narrativa: diarréias, vômitos, descrição de banquetes antropofágicos, etc.

3.2. NÁUFRAGOS, TRAFICANTES E DEGREDADOS

O livro do jornalista, Eduardo Bueno, *Náufragos, traficantes e degredados*, parte integrante da coleção Terra Brasilis, narra basicamente as primeiras expedições ao Brasil, mesmo antes da descoberta por Pedro Álvares Cabral. Além das expedições, reconstitui a saga dos primeiros homens que viveram em nosso país. Alguns náufragos que viveram nas praias, os degredados que participaram das primeiras explorações e aqueles que decidiram permanecer no país por vontade própria.

Figuras importantes para entender nossa história são citados, como o Bacharel de Cananéia, que ficou conhecido por ter sido o pioneiro no tráfico de escravos, João Ramalho, possível fundador da cidade de São Paulo, o mitológico Caramuru, conhecido por ter sido responsável indireto pela fundação de Salvador. Há ainda, personagens históricas um pouco mais obscuras, como por exemplo, Aleixo Garcia “que em 1524 marchou de Santa Catarina, com um exército particular de dois mil índios, para atacar as cidades limítrofes do Império Inca” (BUENO, 2006, p.7), seus companheiros Henrique Montes e Melchior Ramires que mesmo sendo desertores e polígamos, foram recebidos pelos reis de Portugal e Espanha e “se transformaram nos homens mais importantes na exploração do rio da Prata e do litoral sul do Brasil”. (BUENO, 2006, p.8).

O autor se concentra nas três primeiras décadas do Brasil, época da qual pouco se sabe, pouco se estuda, muito provavelmente pela escassez de

documentos originais da época. Porém, Bueno faz questão de ressaltar a importância dessa época, que foi quando “o Brasil adquiriu seu nome, ajudou a batizar a América e serviu de modelo para *A Utopia* de Thomas Morus.” (BUENO, 2006, p.9).

No primeiro capítulo Bueno trata da polêmica do descobrimento do Brasil pelos espanhóis em 26 de janeiro de 1500. Os homens que chegaram nesta ocasião perto de Fortaleza eram chefiados pelo capitão Vicente Yañez Pinzón, amigo fiel de Cristóvão Colombo. Pinzón foi capitão da caravela Niña na viagem do Genovês financiada pelos reis católicos e por Pinzón. A narrativa segue discutindo e apresentando as conquistas e descobertas realizadas por portugueses e espanhóis na região do Brasil e a exploração do nosso território.

4. APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE TERRA PAPAGALLI E NÁUFRAGOS, TRAFICANTES E DEGREDADOS

O enredo de *Terra Papagalli* se passa nas primeiras 30 décadas do Brasil, mesmo período abordado na obra de Eduardo Bueno que estamos analisando neste trabalho. Porém em TP a trama principal está centrada no Brasil e na vida que alguns degredados levavam por aqui, entre eles, Cosme Fernandes, o Bacharel de Cananéia, personagem verídico. Em *Náufragos, traficantes e degredados* (NTD) há um capítulo dedicado ao misterioso Bacharel de Cananéia, mas muitas diferenças podem ser observadas entre este Bacharel e o Bacharel de TP. No romance de Torero e Pimenta ele se chama Cosme Fernandes, mas na História Oficial há controvérsias a esse respeito.

“Apesar de o historiador Rui Diaz Gusmán ter afirmado, em sua obra clássica, *La Argentina*, escrita em 1612, que o Bacharel de se chamava Duarte Peres (ou Pires), documentos datados de 1540 e 1542 e descobertos em 1954 por Ernest Young permitem supor que seu verdadeiro nome era Cosme Fernandes Pessoa. O Bacharel seria, assim, o misterioso “mestre Cosme” encontrado, mais tarde, por outros viajantes em São Vicente e em Cananéia. Segundo Francisco de Varnhagen, o Bacharel fora deixado em Cananéia pela expedição de Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio em 1502.” (BUENO, p.129)

Como citado acima, Cosme fora degredado ao Brasil em 1502, enquanto que em TP ele chegou exatamente no dia do descobrimento, inclusive, ele é quem grita a famosa frase *terra à vista*. Cosme Fernandes e outros seis degredados vieram nas caravelas comandadas por Pedro Álvares Cabral em 1500, e juntamente com Pero Vaz Caminha é um dos primeiros a pisar na Terra dos Papagaios e a fazer contato com os tupiniquins.

Algumas informações que foram mantidas entre as duas obras se referem a quantidade de esposas, mais de seis mulheres, seus vários escravos e muitos guerreiros dispostos a lutar por ele. O fato de vender índios Carijós também se mantém em ambas as obras. De fato, conhecemos através da História Oficial que o Bacharel foi o primeiro a traficar estes índios.

Em TP apenas a primeira filha de Cosme é casada com um português: Francisco de Chaves. Depois de casados respeitando os costumes e tradições cristãos, decidem então, mudar-se para Europa. Por outro lado, na obra de Bueno, há outros genros portugueses, sendo nominalmente citado, apenas Gonçalo da Costa, também conhecido por Acosta. Português desterrado, teve papel importante na exploração do rio da Prata e do Paraguai.

A impressão que temos do Bacharel em NTD é a de um homem que obteve suas conquistas unicamente pensando nos lucros.

“O Bacharel de Cananéia era um degredado. Mas não era um degredado como Afonso Ribeiro – o homem que fora deixado por Cabral em Porto Seguro em 1500 e recolhido por Vespúcio em 1502. Ao contrário de Ribeiro, o Bacharel não quis se aproveitar das determinações do rei D. Manoel, de acordo com as quais qualquer degredado que retornasse a Portugal com informações sobre o Brasil não apenas seria absolvido de seu crime como receberia uma gratificação de 500 ducados. No Brasil, o Bacharel de Cananéia encontrara uma ocupação muito mais lucrativa do que meros 500 ducados. Ele se tornou o primeiro e um dos maiores traficantes de escravos do sul do Brasil” (BUENO, p.128).

No entanto, em TP Cosme Fernandes vai ao longo da narrativa demonstrando astúcia e inteligência primeiramente por sobrevivência. Sofreu golpes, como a chegada de Capico e a perda de seu porto, ou o roubo de sua arca recheada de tesouros. Mas, sempre através de suas habilidades, se reconstruía e chegava ao sucesso novamente, até ficar conhecido como Bacharel de Cananéia. O leitor de TP, provavelmente, se apieda por ele, torce por seu sucesso.

Um dos degredados que acompanha Cosme Fernandes em TP é João Ramalho, que pela História se sabe que teve um papel importante na fundação da cidade de São Paulo, porém em TP não ganha destaque. Sua descrição em TP é a de um homem

“natural de Barcelos, comarca de Viseu. Tinha cabelos castanhos e lisos. Não era alto, nem baixo. Nada o alegrava, quase nunca ria e falava pouco. Contou-me que era casado com uma mulher de sua terra de nome Catarina. Do motivo que o levava ao desterro, disse apenas que recusara-se a dar dinheiro à igreja e que fora seguido por muitos de sua terra, o

que levava um padre a pedir seu degredo para evitar o mau exemplo.

Era bom nos dados, um tanto avaro e dizia que não lhe importava onde o deixassem, pois dava ao diabo o mundo desde que pudesse ganhar o pão. Odiava os funcionários, os padres e quando via um poeta, dizia ter vontade de quebrar-lhe a cabeça.” (TORERO, p.49).

Logo no início da aventura vivida pelos degredados, João Ramalho se mudou para uma tribo distante, portanto, seu papel é pequeno no enredo. Quando Pero Capico faz a divisão das terras João Ramalho ficou com o campo, porque já vivia nele e era genro de Tibiriçá, o cacique da tribo. Pelos documentos que se têm, na obra de Bueno, João Ramalho realmente é genro de Tibiriçá, o maior líder guerreiro da região. Não se sabe se Ramalho era náufrago ou degredado, a informação é de que ele chegou ao Brasil em 1508, diferente de TP que o traz ao Brasil em 1500. Devida a sua liderança e “aliança com os índios, graças ao seu conhecimento das trilhas que percorriam o planalto e graças ao rendoso tráfico de escravos que ele inaugurara, São Vicente e São Paulo acabaram se tornando as mais importantes cidades do sul do Brasil.” (BUENO, p.144).

Podemos supor que a escolha de Torero e Pimenta por Cosme Fernandes tenha sido exatamente por se tratar de um degredado que se tem pouca informação, logo, teriam mais liberdade de criar para Cosme, características e peculiaridades. Mas, não poderiam deixar de citar João Ramalho por sua importância. O que fizeram com maestria foi o enlace criado entre eles. Talvez a relação entre eles tenha existido, talvez não. Essa é a função do novo romance histórico, provocar reflexões. Através dessas estratégias podemos entender que não há uma única versão dos fatos.

Além disso, o tratamento anacrônico por parte dos autores de TP confirma a tipologia do Novo Romance Histórico, já apresentada no primeiro capítulo deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.

BUENO, Eduardo. *Náufragos, traficantes e degredados. As primeiras expedições ao Brasil 1500-1531*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2006.

ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FIGUEIREDO, Vera Lucia Follain. *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PIMENTA, Marcus. TORERO, José Roberto. *Terra Papagalli*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.